



## AÇÃO EDUCATIVO-PEDAGÓGICA COM OS LIVROS NO GRUPO DE BEBÊS: POTÊNCIA E ENCANTAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Fernanda Gonçalves<sup>1</sup>

<http://orcid.org/0000-0002-1610-8708>

### RESUMO

O presente artigo se origina de uma pesquisa em nível de doutorado e apresenta reflexões sobre as práticas educativo-pedagógicas com bebês, sobretudo nas relações que estabelecem com os livros na educação infantil. Como ferramenta metodológica, elencou-se a etnografia, pelo desejo de dar visibilidade aos enredos e experiências das crianças, enquanto partícipes da pesquisa. Por meio das experiências com os livros, os bebês vão descobrindo e se descobrindo no mundo, assim, as análises apresentadas discutem a potencialidade do projeto literário para bebês e suas relações constituídas com os livros no espaço da biblioteca e com a bebeteca da sala de referência, na creche pesquisada.

**Palavras-chave:** Bebês; Livros; Literatura Infantil; Educação Infantil.

### PEDAGOGICAL PRACTICE WITH BOOKS IN THE BABY GROUP: POWER AND ENCHANTMENT IN CHILDHOOD EDUCATION

### ABSTRACT

This article originates from research at the doctoral level and presents reflections on pedagogical practices with babies, especially in the relationships they establish with books in early childhood education. As a methodological tool, ethnography was listed, due the desire to give visibility to the plots and experiences of children, while participating in the research. Through the experiences with books, babies discover the world and themselves, thus, the analyzes presented discuss the potential of the literary project for babies and their relations with books in the library space and the researched nursery room.

**Keywords:** Babies; Books; Children's literature; Child education.

### PRÁCTICA PEDAGÓGICA CON LIBROS EN GRUPO INFANTIL: PODER Y ENCANTO EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

### RESUMEN

Este artículo tiene su origen en una investigación a nivel de doctorado y presenta reflexiones sobre las prácticas pedagógicas con los bebés, especialmente en las relaciones que establecen con los libros en la educación infantil. Como herramienta metodológica se enumeró la etnografía, por el deseo de dar visibilidad a las tramas y vivencias de los niños, mientras participan en la investigación. A través de las experiencias con los libros, los bebés descubren el mundo, así, los análisis presentados discuten el

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, linha de pesquisa Sujeitos, Processos Educativos e Docência (SUPED). É Mestre em Educação pela mesma universidade, na linha de pesquisa Educação e Infância (2014). É Graduada em Pedagogia também pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012). É integrante do Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (LITERALISE). Atua como membro do Conselho Editorial Nacional da Revista Zero-a-Seis (ISSN 1980-4512). É Professora colaboradora do curso de Pedagogia da Faculdade Municipal da Palhoça (FMP). É Professora de formação continuada no SENAC (SC). E-mail: <[feegoncalves@gmail.com](mailto:feegoncalves@gmail.com)>

potencial del proyecto literario para bebés y sus relaciones con los libros en el espacio de la biblioteca y con la cafetería de la guardería investigada.

**Palabras-clave:** Bebés; Libros; Literatura infantil; Educación Infantil.

### **Situando a pesquisa**

A instituição de educação infantil possui como função social acolher, cuidar e educar as crianças entre a faixa etária de 0 a 5 anos – e seus processos formativos de forma integral e compartilhada com as famílias (BRASIL, 2010). A ida dos bebês para a creche significa uma ampliação das relações com o mundo, já para os adultos responsáveis pela sua educação, significa organizar intencionalmente – selecionar, refletir – a vida nas instituições de educação infantil com práticas sociais, as quais demonstram também as formas como as professoras apreendem o patrimônio cultural, artístico, ambiental, dentre outros, que se revelam na docência (BARBOSA, 2010) e nas ações educativo-pedagógicas.

Ao tratar-se especificamente da educação dos bebês, emergem muitas dúvidas em como sugerir um currículo. Sabe-se que não será por meio de aulas expositivas, mas pela elaboração de uma vida cotidiana com práticas sociais que ampliem as vivências em linguagens, para que os bebês possam experienciar seus saberes (BARBOSA, 2010). As crianças desde muito pequenas são capazes de aprender e, para isto, as instituições de educação infantil precisam organizar tempos, espaços e condições adequadas, assumindo as crianças como ponto de partida para planejar as relações educativas. A organização do cotidiano na creche deve, portanto, privilegiar experiências significativas considerando a potencialidade dos bebês e crianças bem pequenas nesse processo.

É importante pontuar que:

[...] a ação docente com bebês e crianças pequenas é compreendida, aqui, como uma ação educativo-pedagógica em todas as relações estabelecidas nesse contexto, sejam as que envolvem a ação direta da profissional com as crianças, sejam as ações em volta da organização do tempo e espaço que fomentam as possibilidades de interação da criança consigo mesma, com os outros e com o ambiente. Tal defesa remete à necessidade de a ação docente ser pensada, articulada a partir de bases conceituais que guiam a conduta do profissional, na forma como planeja, organiza e acompanha propostas para as experiências individuais e coletivas das crianças. (SCHMITT, 2019, p. 316)

As pesquisas da área e a inserção de pesquisadores nos contextos das creches e pré-escolas, tem dado visibilidade às particularidades que demarcam a composição das relações educativas com as crianças, e: “Esse reconhecimento ocorre não apenas pela observação da ação das profissionais nesses contextos, também pela busca de conhecer as crianças, seus modos relacionais e o lugar que elas ocupam na prática pedagógica” (SCHMITT, 2019, p. 314).

Tais particularidades se afunilam ainda mais quando se trata da docência com bebês, uma vez que as experiências que os bebês terão no contexto da educação infantil partirão das propostas realizadas pelas professoras, ou, de um consentimento delas para que as crianças experimentem, sintam, provem (TRISTÃO, 2004), e, para tanto, é fundamental que as profissionais planejem distintas oportunidades para que as crianças realizem novas e múltiplas experiências, inclusive com os livros e a linguagem literária.

Muitas vezes os adultos pressupõem que os bebês não se interessem pelos livros (MANTOVANI, 2014) de literatura infantil, ou que ainda não possuem uma idade adequada para manuseá-los. O que acaba acarretando em poucas propostas educativo-pedagógicas que privilegiem a relação dos bebês com os livros na primeira etapa da educação básica. Esse texto emerge, portanto, de uma pesquisa em nível de doutorado, que teve como objetivo analisar como acontecem as relações dos bebês com os livros no contexto da creche, mais especificamente, se os bebês têm acesso aos livros e quais as possibilidades interativas que este objeto cultural promove. A pesquisa de campo aconteceu em uma instituição<sup>2</sup> de educação infantil pública no município de Florianópolis, junto a 14 bebês e suas professoras<sup>3</sup>, durante um período de sete meses<sup>4</sup>.

Para embasar o percurso metodológico, elenquei como concepção de pesquisa, um diálogo com os estudos sociais da infância e, sobretudo, as pesquisas da área da Educação

---

<sup>2</sup> Por razões éticas e, a partir das questões de autoria das crianças (KRAMER, 2002), utilizo o primeiro nome dos bebês e, em alguns registros, os apelidos empregados pelas professoras do grupo durante a minha permanência no campo, mas omitindo o sobrenome e o nome da instituição.

<sup>3</sup> Em relação às profissionais que participaram da investigação, optamos por identificá-las como professoras no decorrer do texto, na defesa de que todas exercem a docência quando atuam diretamente com a educação das crianças (SCHMITT, 2014). Embora, no município onde a pesquisa foi realizada, exista uma denominação que as diferencie – distinção que se caracteriza pelos direitos trabalhistas e planos de carreira. As profissionais que atuam junto às crianças são assim definidas: professoras, auxiliares de sala e professoras auxiliares de ensino.

<sup>4</sup> Com a frequência semanal de três a quatro vezes por semana e uma média de três a cinco horas de duração diária (em períodos alternados), entre os meses de julho a dezembro de 2016.

Infantil (AGOSTINHO, 2010; COUTINHO, 2010; BUSS-SIMÃO, 2012; SCHMITT, 2014), a partir do pressuposto que legitima as crianças como atores sociais que devem ser reconhecidas enquanto partícipes da pesquisa. A agenda de debates que compreende as crianças como atores sociais, tem demarcado a defesa a etnografia como uma possibilidade profícua de pesquisa *com crianças*, pelos seus aspectos epistemológicos, teórico-metodológicos e éticos (FERREIRA; NUNES, 2014). Uma vez que por meio de suas ferramentas, o(a) pesquisador(a) dedica-se a conhecer as crianças a partir dos seus pontos de vistas, de modo a exercitar um olhar sensível mediante as suas experiências de vida. Tal concepção assinala uma compreensão de que as crianças são protagonistas das suas vidas e, sobretudo, as melhores informantes sobre suas relações com o mundo (FERREIRA, 2008).

Assim, o desejo foi de legitimar a participação dos bebês no processo de pesquisa, com objetivo a dar visibilidade ao como como se relacionam com o livro no contexto da Educação Infantil, a partir do que os próprios bebês informam. Para tanto, foi necessário o exercício de *ausculta*<sup>5</sup>, ou seja, ressignificar os modos de ouvir as crianças, considerando suas múltiplas formas de se expressar e comunicar. Na perspectiva da Pedagogia da Infância, campo em que esta pesquisa se alicerça, acreditamos que é preciso privilegiar a própria criança e: “[...] seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais” (ROCHA, 2001, p.31).

Para o processo de definição do campo, o principal critério foi o de elencar instituições que atendessem bebês e crianças bem pequenas – na faixa etária de zero a três anos de idade. Não obstante, outros elementos também foram considerados para a seleção final: uma instituição que desenvolvesse projetos com os livros e/ou leitura literária, que privilegiasse tempos e espaços para os livros e, por fim, tentaria selecionar a que tivesse um acervo de livros-brinquedo. Todos esses critérios permitiriam uma imersão na instituição a fim de desenvolver análises que iam ao encontro do objetivo da pesquisa.

Sendo assim, o presente texto versará sobre as práticas educativo-pedagógica com os livros no grupo de bebês, a partir do projeto de literatura infantil que compõe o Projeto

---

<sup>5</sup> Termo adotado por Rocha (2008) para destacar a necessidade de, nas pesquisas com crianças pequenas, ampliar a abrangência dos termos *ouvir* e *escutar*.

Político-Pedagógico (PPP) da creche pesquisada, intitulado “Projeto Sacola Literária”. Importante destacar que as relações que os bebês estabelecem os livros no contexto da Educação Infantil ampliam suas experiências éticas, estéticas e políticas, assim como pontuado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (DCNEI, 2009). Portanto, o acesso aos livros é uma possibilidade de alargar as experiências das crianças com as distintas linguagens e formas de expressão.

### **Sacola literária: o projeto de literatura infantil para bebês**

Por fazermos parte de uma história escrita também com palavras, precisamos ser nutridos não somente com leite, mas histórias, contos e poemas. Isto é uma forma de encontro entre aqueles que chegam com os que já chegaram faz algum tempo, e também com aqueles que já foram (REYS, 2017). Nesse sentido, a leitura estaria ligada ao encontro e a uma possibilidade de tornar visível e audível o que está indivisível e inaudível. E pode ser por este motivo que as crianças perguntam, querem e precisam ler e ouvir histórias. Elas precisam das palavras e de tantas coisas indescritíveis: precisamos ser acompanhados, confortados com palavras. E eles precisam dar uma palavra a tantas sombras, tantas coisas indizíveis (REYS, 2017).

Quando as crianças vivenciam experiências com a linguagem literária, experimentam sentidos e sentimentos distintos: “A riqueza de detalhes e das nuances das histórias coloca a criança em contato com o universo do possível, em que ela pode fazer uma interpretação também de coisas que se contrapõem, que se contrastam” (RIZZOLI, 2009, p. 10). Desse modo, elas apreendem que existem distintos pontos de vistas que se encontram e que também se desencontram, que podem ser semelhantes ou distintos. A grande questão que habita essa relação é reconhecer a diversidade de pontos de vista e compreender que eles podem ser diferentes (RIZZOLI, 2009).

Viver experiências que envolvam a Literatura Infantil é também se contaminar dos significados das experiências dos outros e, a partir dessas experiências, atribuir sentido a sua própria: “Essa experiência assume várias facetas, o que faz com que a criança aprenda a

aceitar dentro de si mesma a convivência de sentimentos opostos – das ambivalências – no percurso de seu crescimento e de sua vida” (RIZZOLI, 2009, p. 11).

Os bebês devem ser reconhecidos como participantes ativos no universo da cultura e da linguagem (REYS, 2010) e as experiências empreendidas por eles, junto aos livros, envolve todos os sentidos do corpo. Neste sentido, é importante alargarmos a percepção que temos acerca do livro, e vislumbrarmos experiências com ele enquanto objeto que deve ser explorado, que proporciona a possibilidade de as crianças inventarem e construírem histórias outras: “O livro também é uma ocasião para a criança viver aventuras emocionantes que constituem a chave de acesso ao mundo da imaginação” (RIZZOLI, 2009, p. 11).

Os livros devem servir para ser tocados, lidos, olhados, folheados, levados para casa, para serem discutidos, criticados, construídos, dentre outros. Ele faz com que a criança possa estar na presença de outras pessoas, mas igualmente sozinha. Pode favorecer encontros. Pode dar asas à imaginação (RIZZOLI, 2009). Transportar, viajar, navegar, por itinerários conhecidos e outros nem tanto, mas, principalmente, o livro é relação: com o outro, com o mundo e consigo.

Durante a pesquisa de campo, que aconteceu no ano de 2016, analisei um projeto específico para os grupos de bebês, que privilegiava a relação com os livros e com a biblioteca, intitulado Projeto Sacola Literária. Tal projeto tinha como principal pressuposto destrancar livros dos armários e garantir que estivessem nas mãos de todas as crianças que frequentavam a creche. Importante pontuar que um currículo para bebês não deve ser orientado por atividades dirigidas, mas por experiências com as distintas linguagens, em situações contextualizadas. Portanto, privilegiar situações que proporcionem aos bebês o acesso irrestrito e livre aos livros, proporciona que eles experimentem as linguagens por diferentes formas de expressão, comunicação e produção humana (BARBOSA, 2010).

O Projeto Sacola Literária é organizado desde o início do ano letivo da creche pesquisada, quando sacolas<sup>6</sup> de tecido são enviadas para as famílias, que são convidadas a customizá-las junto as crianças. Segundo a diretora da unidade, as famílias eram grandes parceiras e costumavam participar do processo. Cada criança tinha uma sacola customizada,

---

<sup>6</sup> Trata-se de sacolas artesanais, elaboradas com tecido “cru”, pelo próprio coletivo de professoras que atuam na unidade de educação infantil.

que eram decoradas e pintadas com uma diversidade de elementos, escolhidos por cada família junto aos seus bebês.

Em instituições de educação infantil onde tudo é demasiadamente coletivo, a possibilidade de as crianças terem um objeto individual, é também uma forma de garantir as suas singularidades. Nesse sentido, pois possível constatar, durante a pesquisa de campo, que os bebês reconheciam as suas sacolas o que revela um importante processo de pertencimento. Como no registro abaixo, em que a bebê Manu se depara com diversas sacolas literárias, mas reconhece a sua:

*Manu se aproxima das sacolas literárias e logo reconhece a sua. Pega e tenta colocá-la embaixo do braço, mas não consegue “encaixar”. Concentrada, tenta mais uma vez e não consegue. Manu insiste mais algumas vezes e analisa as possibilidades de conseguir colocar seu braço na alça da bolsa. Até que enfim consegue. Sorri e comemora o feito. Dirige-se até o espelho e olhas e, contemplando, concentrada, sua sacola literária embaixo do braço.*  
**(Registro de Campo, 17 de novembro de 2016)**

O modo como a sacola era ofertada e disponibilizada variava de acordo com o planejamento prévio da professora. O empréstimo dos livros era organizado da seguinte forma: nas quintas e sextas-feiras os bebês iam até a biblioteca, escolhiam os livros que desejavam levar para a casa e devolviam nas segundas-feiras. Nas DCNEI (BRASIL, 2009) está previsto que as instituições de educação infantil devam organizar e sistematizar o seu currículo a partir dos eixos norteadores, interações e brincadeiras e, considerando os seus princípios básicos: éticos, políticos e estéticos. Nesse sentido, o trabalho pedagógico deve promover experiências narrativas que privilegiem a apreciação e interações com a linguagem oral e escrita, bem como o convívio com os distintos gêneros textuais orais e escritos (BRASIL, 2009). Se esses aspectos estão previstos no documento mandatário, devem ser garantidos para todas as crianças que frequentam a primeira etapa da educação básica, desde o grupo de bebês.

Sabemos que há uma tendência de se trabalhar projetos com um único tema que situa o trabalho pedagógico por um período alargado. Sendo assim, aquelas unidades que não desenvolvem projetos que envolvam a Literatura Infantil promovem a relação das crianças com a linguagem literária? Se nas DCNEI está previsto que as crianças devam ter acesso e experiências com narrativas, bem como apreciação e relações com situações sociais que

envolvam a linguagem oral e escrita, ela não deveria compor o cotidiano das instituições, independentemente da existência de projetos com essa temática?

As ações educativo-pedagógicas que envolvem o livro e o texto literário no contexto da educação infantil são também um compromisso com os direitos das crianças. Uma vez que a literatura infantil é um direito humano (CANDIDO, 2011), por conseguinte, também deve ser garantida desde a mais tenra idade. Propor que os bebês tenham acesso irrestrito aos livros não tem como objetivo uma alfabetização precoce, tão pouco atividades de caráter cumulativo acerca da elaboração de conceitos, mas trata-se de uma perspectiva que assume a ampliação das experiências das crianças de forma plural e alargada.

Seguindo a dinâmica do Projeto Sacola Literária, os bebês iam semanalmente à biblioteca, ação educativo-pedagógica previamente planejada pela professora regente, que organizava a ida ao espaço em pequenos grupos, levando somente quatro ou cinco bebês, em períodos alternados. Esse planejamento e organização possibilitavam uma atenção mais cuidadosa, sobretudo, uma mediação mais minuciosa da professora, com atenção individual e a possibilidade da leitura de títulos que fossem do interesse particular de cada um.

Mas a ação docente junto aos bebês não se resume àquilo que as professoras realizam diretamente com eles e, no caso da ida a biblioteca, os bebês tinham a oportunidade de explorar esse espaço com autonomia, de modo a manusear e experimentar os livros. Durante a pesquisa, foi possível demarcar dois tipos de mediações distintas, tanto na biblioteca, como nos demais espaços: uma *mediação direta* e uma *mediação onipresente*.

Por vezes, pode-se compreender que a relação dos bebês com os livros deve acontecer apenas como uma ação direta das professoras, que deve proporcionar a possibilidade de as crianças conhecerem as histórias, a partir de sua mediação. A *mediação direta* dos professores também é um elemento importante, mas não suficiente, sobretudo quando se trata de bebês, visto que, assim como existem especificidades que demarcam a docência no grupo de bebês, também há especificidades na mediação com o livro.

Ou seja, a *mediação direta* se caracteriza pelos momentos de ação direcionada, como na contação lúdica de histórias, em que a professora se relaciona com o bebê. Já a *mediação onipresente* se revela pelas organizações e planejamentos das professoras, que se fazem presentes nos diferentes espaços e relações, de forma simultânea. Trata-se, portanto,

de uma mediação que não conta com a presença constante das professoras, como por exemplo, quando os bebês se relacionam com os livros no espaço da biblioteca.

A especificidade com a professora dos bebês planejava as idas até o espaço da biblioteca propiciava um encontro intenso dela com eles. Como costumava levar pequenos grupos, era possível privilegiar uma *mediação direta* bastante aproximada, com uma acolhida sensível, de modo a respeitar a particularidade de cada uma das crianças: como os bebês menores, que ainda não andavam, ela costumava pegar no colo para que pudessem alcançar os livros que ficam mais no alto. No excerto da pesquisa de campo abaixo, é possível notar a sensibilidade no processo na sua *mediação direta*:

*Na biblioteca, Léia aproxima-se de Helena e pergunta muito carinhosamente: “Qual [livro] você vai escolher, Helena?”, oferecendo alguns dos que estavam próximos. Mas Helena ainda está concentrada nos outros elementos da biblioteca, sobretudo no móvel pendurado bem no centro. Então, Léia respeita o movimento de Helena e dirige-se a Ben, mostrando-lhe: “Ó, Ben! O [livro] de ursinho”. Trata-se de um livro-brinquedo com personagens de ursinhos que é possível acariciar, devido a sua materialidade, com uma espécie de pelo que imita o de um urso de verdade. Então Léia fala: “Passa a mãozinha, ó!”, indicando o lugar do livro-brinquedo onde era possível acariciar o urso. Ben se interessa pelo livro e começa a acariciar os personagens, Léia então lhe fala: “Olha, eu amo você”, lendo uma de suas páginas. Ben pega o livro-brinquedo e o traz até a minha direção. Balbucia, mostrando o livro. Eu pego o livro na mão e pergunto: “Você gostou desse? Dá para a Léia colocar na sua sacola”. A professora Léia fala: “Ó, Ben, vamos colocar aqui na sua sacola”. É quando uma professora de outro grupo abre a porta da biblioteca que liga o espaço ao refeitório e avisa para as crianças maiores, que começam a passar pelo espaço: “Devagar que tem os bebês, devagar!”, alertando para que passassem com cuidado em meio aos bebês. E Benjamin, que estava atento ao livro que iria escolher, dirige-se para a porta e se concentra no movimento do grupo das crianças maiores, assim como os demais bebês. (Registro do Caderno de Campo, 16 de setembro de 2016)*

Por meio das experiências com os livros, contações de histórias, brincadeiras que envolvem as narrativas de literatura infantil, os bebês vão descobrindo e se descobrindo no mundo. E por este motivo os livros precisam compor suas experiências de vida, seus enredos e brincadeiras desde a mais tenra idade. Assim, os bebês exploravam intensamente o espaço da biblioteca e realizavam suas *leituras corporais, sensoriais e degustativas* de modo a se aventurar entre os diferentes livros que compunham o acervo.

Os distintos ritmos e temporalidades foram o fio condutor das relações constituídas junto aos bebês, como por exemplo, nos momentos em que a professora contava uma história para um dos bebês e os demais seguiam interagindo com o espaço: alguns escolhiam os livros que estavam nos caixotes, outros se aventuravam na estante um pouco mais alta, explorando corporalmente os elementos que compunham a biblioteca. Como por exemplo, na mediação descrita a seguir:

*Os bebês já tinham explorado bastante o espaço da biblioteca, brincado com os livros e ouvido muitas histórias. Estava quase na hora de voltarmos para a sala de referência e a Professora Léia, com muito carinho e sensibilidade perguntou para os bebês se já haviam escolhido os seus livros. Ela sempre auxilia nas escolhas, ofertando vários títulos, mediando a escolha e contando histórias. Até que a bebê Gigi escolhe o livro que gostaria de levar: um livro brinquedo sobre um patinho amarelo. Era o mesmo livro em que ela passou boa parte do tempo lendo na biblioteca. Então a Professora Léia se aproxima de Gigi e lhe auxilia a guardar o livro na sacola literária. (Registro do Caderno de Campo, 3 de novembro de 2016).*

Garantir a relação dos bebês com os livros na educação infantil está alinhado a prerrogativa defendidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), em que há a indicação que as práticas pedagógicas devam proporcionar experiências aos bebês com as linguagens, de modo ampliar as experiências sensoriais, expressivas e corporais, respeitando a individualidade e o ritmo de cada criança.

A relação com os livros de literatura infantil, na educação infantil, propicia a apropriação de um patrimônio cultural produzido ao longo da história da humanidade. Por meio dessa linguagem sensível, às vezes desconcertante, mas renovadora, é possível apresentar às crianças um mundo próximo ou distante, que imprime marcas do que somos e do que são as outras pessoas (DEBUS; BALSAN, 2016). Os bebês têm, portanto, o direito de experimentar a literatura infantil em infinitas possibilidades e, também, a espaços intencionalmente organizados e planejados. Espaços estes que sejam confortáveis, convidativos, hospitaleiros, que possibilitem que eles entrem em cena com o seu protagonismo, que possam realizar suas escolhas, construir suas brincadeiras e reinventar esse espaço a partir da sua participação.

### Os bebês e a bebeteca da sala de referência

Para ampliarmos a concepção que temos acerca dos direitos dos bebês, dentro dos contextos de educação coletiva, é importante destacar que isso também significa proporcionar, organizar e garantir experiências que envolvem a linguagem literária, bem como o acesso irrestrito aos livros, inclusive dentro das salas de referências. Ou seja, é preciso garantir às crianças “experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com os diferentes suportes e gêneros textuais, orais e escritos” (BRASIL, 2009, p. 21), de modo a promover experiências que proporcionem a ampliação dos repertórios dos bebês, a partir de ações educativo-pedagógicas que garantam o acesso as diferentes linguagens.

Sendo assim, é necessário que o acesso as diferentes linguagens e experiências se materialize também na organização dos espaços da creche, desde a sala de referência. Afinal, o espaço pode ser um potencializador das experiências das crianças, ou não, a depender dos elementos que estão disponibilizados. Ao adentrarmos em instituições de educação infantil, mais pontualmente na sala de grupos de bebês, costumamos ver uma diversidade de brinquedos, mas não é comum encontrarmos livros infantis.

Já na sala da creche pesquisada, o espaço era pensado e planejado de modo em que os bebês fossem protagonistas das suas ações, inclusive, com acesso a livros infantis, que ficavam disponíveis em uma estante na altura das crianças, o que chamei de bebeteca da sala. Ao lado da estante de livros havia um colchão muito confortável, com almofadões, para que os bebês pudessem descansar e realizar suas leituras sensoriais e corporais. Como por exemplo no excerto abaixo, em que a bebê Lara, engatinha até ao “cantinho aconchegante” da sala e descansa com um livro:

*Por volta das 15h30, percebo que Larinha20 vai engatinhando rapidamente até o cantinho mais aconchegante da sala de referência. Ao alcançar os grandes almofadões, esparrama-se em meio a eles. Lara fica ali, relaxando por alguns minutos com o livro do Ratinho Roque, que já estava “esperando por ela”. Larinha permanece com elenas mãos, simplesmente descansando. Após uns cinco minutos, deitada, segurando o livro com uma das mãos (o objeto livro nesse momento aproxima-se da função de “cheirinho”, que os bebês costumam ter para os momentos de sono), ela começa a folhear as páginas, ainda deitada e muito relaxada. Em seguida, Larinha resolve sentar-se no colchonete e inicia uma leitura degustativa, “devorando” o livro do Ratinho Roque. Depois de degustar o delicioso livro, Lara deita-se novamente e ali fica, com seu companheiro livro. (Registro do Caderno de Campo, 7 de outubro de 2016)*

A organização do espaço da sala propiciou à Lara a possibilidade de escolher estar naquele lugar de aconchego com autonomia. Ela se dirigiu até o colchonete, descansou, leu e relaxou, sem qualquer interferência direta de um adulto. Ainda que habitasse nessa organização espacial uma *mediação indireta* da professora, que intencionalmente posicionou o colchonete com os almofadões naquele canto da sala, disponibilizando os livros ao lado.

Segundo Agostinho (2004), o espaço físico da creche transforma-se em *lugar* a partir das relações que nele são estabelecidas. O espaço é então suporte para converter-se em lugar socialmente constituído. O modo como ele se torna um lugar, pertencente às crianças e aos adultos que o habitam, exige que consideremos os pontos de vistas das crianças, suas expressões e manifestações. Isso requer a criação de mecanismos de participação dos pequenos.

A organização do espaço da sala influencia direta e indiretamente as relações que os bebês estabelecem e, principalmente, as suas experiências. Por esse motivo, ele configura-se como um elemento pedagógico e exerce um importante papel na educação das crianças. Os espaços não são neutros, pois a presença ou ausência de elementos, e a forma como os artefatos culturais são arranjados, comunicam algo “sobre” e “para” as pessoas que nele vivem. Nesse sentido, é importante que as professoras tenham sensibilidade para organizá-los de modo a propiciar que as crianças vivam experiências ricas e diversificadas (SCHMITT, 2011).

Os bebês costumavam explorar com frequência a bebeteca e o acervo de livros da sala e, sabiam que aquele era um espaço destinado aos livros, como a bebê Gigi, no registro a seguir, em que guarda os livros nas prateleiras:

*É final da tarde e muitos bebês já foram embora. Também está chegando a hora de a professora Léia ir. Então, ela organiza alguns dos espaços da sala. Ao organizar a estante de livros, ela convida Ben e Gigi a guardarem os livros na estante. Gigi prontamente vai até a estante e começa a organizar os livros, com muita concentração. Benjamin também ajuda a organizar, mas resolve guardar um dos livros dentro de outra caixa de brinquedos. Gigi vai até ele, pega o livro que ele havia guardado na caixa de brinquedos e faz o sinal de “não” com a cabeça. Leva o livro até a estante, mostrando onde seria o lugar certo de guardá-lo. (Registro do Caderno de Campo, 17 de outubro de 2016)*

A bebeteca do grupo costumava ser reabastecida com frequência pela professora, que disponibilizava novos títulos de livros brinquedo. Importante ressaltar que todos os livros

que ficavam ao alcance dos bebês eram livros brinquedo, isso quer dizer que havia uma variedade de materialidades à disposição dos pequenos: livros de pano grandes, pequenos, em formato de fantoches, com pelúcias, entre outros; livros de banho (com materialidade de plástico) e outros tantos livros brinquedo de materialidade resistente, interativos, com personagens que se mexem, com pelos que imitam os animais, dentre outros.

Tal cuidado com a escolha do acervo é importante, uma vez que

Livros para bebês devem ser adequados ao manuseio, ao toque, a exploração dos sentidos. Mais importante que os conteúdos são as formas desses livros. Muitos livros usados pelos bebês são muito usados por crianças maiores de 3 anos, porém, os livros das crianças maiores nem sempre devem ser manuseados pelos bebês, por trazerem algum risco em relação as pontas, ao tamanho, ao formato, a textura, ao peso, etc. (PARREIRAS, 2012, p. 108)

Os livros brinquedo ou livros objeto, possuem características que são potentes para as leituras sensoriais e corporais empreendidas pelos bebês. Pois trata-se de livros interativos e com uma função experimentativa. Assim, o livro se faz convite por meio das suas engenhosidades: livros que pulam, que cantam, com diferentes texturas e possibilidades. E, justamente pela sua materialidade por vezes mais resistente, são livros interessantes para compor os acervos das bebetecas.

As bebetecas são espaços destinados aos bebês, ou seja, uma espécie de biblioteca pensada e organizada de modo democrático para que os pequenos possam interagir com os livros. Ela deve ser organizado a partir das especificidades dos bebês, ou seja, de modo a garantir que eles se relacionem por meio dos sentidos e do corpo. São espaços mais vivos e dinâmicos do que as bibliotecas convencionalmente conhecidas (SOUZA; MOTOYAMA, 2016) e contam com acervos, na sua maioria, de livros brinquedo ou livros objetos, que convidam os bebês a leituras autônomas, sobretudo por meio do corpo.

A oferta de livros infantis e/ou literários por meio da bebeteca é uma possibilidade garantir que a educação infantil seja um lugar de *encontro* dos bebês com os livros. O cotidiano da vida vivida na creche está atravessado pelos princípios político, ético e estético (BRASIL, 2010), seja nas artes, nas linguagens, nas relações constituídas entre as pessoas, na formação da memória, na ampliação e compartilhamento de experiências, na oferta do deleite estético (BARBOSA, 2013) e por este motivo, é um lugar de encontro com os livros. E, na vida cotidiana e compartilhada, no contato afetivo entre os bebês, os livros e as

professoras, é que a aproximação com a linguagem literária se transforma em encantamento e potência.

A oferta dos livros aos bebês não é simplesmente uma forma de prepará-los para o mundo letrado, ou tão pouco despertar o interesse pela leitura. Os bebês já nascem em um mundo letrado e, por este motivo, prefiro definir a compreensão de “estímulo ou despertar gosto pela leitura” como um *encontro das crianças com a possibilidades de uso social da linguagem escrita*, com uma cultura escrita que abarca uma diversidade de funções. E, nesse encontro, a educação infantil tem uma importante função: a de disponibilizar e organizar tempos, espaços e condições materiais para que os bebês possam viver a experiência sensível, estética e lúdica com os livros, por meio de múltiplas possibilidades.

Quanto ao “despertar o gosto pela leitura pelas crianças” é um aspecto que precisa ser tensionado. A definição da palavra despertar está ligada ao “acordar, tirar do estado de sono” e, o encontro das crianças com o livro e toda a intimidade que vai se constituído por meio de experiências ricas e diversificadas com os livros, independe de um desejo adormecido. A introdução ao mundo da escrita, ou despertar o gosto da leitura é, na verdade, um encontro das crianças com as distintas possibilidades do uso social da linguagem escrita. Cabe a nós, no contexto da educação infantil, planejarmos esse encontro para que sejam significativas.

A experiência de sentirmos que somos parte de um conglomerado humano a qual compartilha significados e símbolos que habitam o território da linguagem é o que atribui um profundo sentido à literatura (REYS, 2010) e, sobretudo, ao encontro dos bebês com os livros, seja nas bibliotecas, nas bebetecas ou nos demais espaços das instituições de educação infantil.

### **Para (não) finalizar: algumas considerações**

As discussões aqui apresentadas são resultado de uma pesquisa etnográfica, que teve como objetivo analisar como os bebês se relacionam com os livros no contexto da educação infantil a partir das ações educativo-pedagógicas da professora. Mais

pontualmente, a partir do Projeto Sacola Literária, que tinha como finalidade proporcionar uma relação intensa e autônoma dos bebês com os livros.

As ações educativo-pedagógicas no grupo de bebês, e também com as demais crianças na educação infantil, não acontecem por meio de aulas expositivas ou formalização de conceitos. E sim a partir de uma vida cotidiana com experiências e práticas sociais que ampliem suas experiências com as linguagens. A partir desse pressuposto, o presente texto apresentou a potencialidade que emerge das relações que os bebês estabelecem com os livros, quando as professoras organizam, sistematizam e planejam tempos e espaços para tal relação.

A partir do Projeto Sacola Literária e as diversas ações educativo-pedagógicas da professora, como a bebeteca da sala de referência, os bebês tiveram garantido o acesso aos livros infantis e literários sem qualquer restrição, a partir de espaços planejados e organizados de forma sensível e respeitosa.

Os bebês frequentavam semanalmente a biblioteca e tinham a oportunidade de explorar os livros, realizando suas leituras sensoriais e corporais. O planejamento prévio da professora proporcionava uma *mediação direta* e aproximada junto aos bebês, para que eles pudessem explorar o espaço, mas também ouvir muitas histórias. Ademais, o conceito de *mediação onipresente* também foi pontuado, uma vez que no cotidiano das creches e pré-escolas, muitas das experiências das crianças são determinadas pelos elementos ofertados pelas professoras, como no acervo que ficava disponível na bebeteca, na sala do grupo dos bebês.

Os bebês devem ser legitimados como participantes ativos no universo da linguagem e da cultura e, por este motivo, é necessário alargarmos a percepção que temos acerca das relações que eles estabelecem com os livros e, sobretudo, desconstruirmos a ideia de que eles não devem ser tocados. Aqui cabe ressaltar, que a organização dos espaços da creche é um elemento pedagógico, já que influencia direta e indiretamente nas experiências das crianças. Sendo assim, é importante que as professoras organizem e planejem espaços que garantam a interação dos bebês com os livros, de modo a propiciar experiências ricas e diversificadas.

## Referências

AGOSTINHO, Kátia Adair. **Formas de participação das crianças na educação infantil**. Tese de Doutorado. Universidade do Minho. Braga, Portugal, 2010.

AGOSTINHO, Kátia Adair. **O espaço da creche: que lugar é este?** In: 27ª Reunião Anual ANPEd. Caxambu, 2004.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Tempo e Cotidiano – tempos para viver a infância**. In: *Leitura: Teoria & Prática*. Campinas, 2013. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/185/122>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. Porto Alegre, 2010. 16 f. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154-2-2-artigo-mec-acao-pedagogica-bebes-m-carmem/file> Acesso em: 15 de maio de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução n. 5, de 17/12/2009, Brasília: MEC, 2009.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Relações sociais em um contexto de educação infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva das crianças pequenas**. 2012. 312f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche**. Tese (Doutorado em Estudos da Criança - especialidade em Sociologia da Infância). Instituto de Educação, Universidade do Minho. Braga, Portugal, 2010.

DEBUS, Eliane; BALSAN, Silveira Ferreira de Souza. Os recursos para o contar histórias... das tramas que o entretecem. In: GIROTTO, Cyntia Graziella G. Simões; SOUZA, Renta Junqueira de Souza (Orgs.). **Literatura e educação infantil: para ler, contar e encantar**. Mercado das Letras: Campinas, 2016.

FERREIRA, Manuela; NUNES, Ângela. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. In: **Linhas Críticas**. Universidade de Brasília. Brasília, 2014, pp. 103-123. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4260/3896>>. Acesso em: 20 out. 2020.

FERREIRA, Manuela. “Branco demais” ou... reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa com crianças. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina S. **Estudos da Infância, educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, p. 143-162, 2008.

MANTOVANI, Susanna. Encorajar a ler na creche. In: FARIA, Ana Lúcia; VITA, Anastasia de (Orgs.). **Ler com bebês: contribuições das pesquisas de Susanna Mantovani**. Campinas, SP: Autores Associados, p.79-126, 2014.

PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças**. Belo horizonte: RHJ, 2012.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

REYES, Yolanda. La poética de la infancia y la formación del lector literario. In: DEBUS, Eliane; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTI, Nelita. **Literatura Infantil e Juvenil: pelas frestas do contemporâneo**. Tubarão, SC: Copiart, 2017.

RIZZOLI, Maria Cristina. Literatura com letras e sem letras na Educação Infantil do Norte da Itália. In: FARIA, Ana Lucia Goulart; MELLO, Suely Amaral (Orgs.). **Linguagens infantis: outras formas de leitura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. AS RELAÇÕES ENTRE ADULTOS E BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INDÍCIOS PARA COMPREENSÃO DE UMA DOCÊNCIA NÃO LINEAR. **Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, [S.l.], v. 13, n. 24, p. 313-330, dez. 2019. ISSN 2179-2534. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/8217/4632>>. Acesso em: 10 maio 2021.

SCHMITT, Rosinete V. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente**. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SCHMITT, Rosinete V. O encontro com bebês e entre bebês: uma análise do entrelaçamento das relações. In: ROCHA, Eloisa A. C; KRAMER, Sonia (Orgs.). **Educação Infantil: enfoques em diálogo**. Campinas, SP: Papirus, 2011.

SOUZA, Renata Junqueira de; MOTOYAMA, Juliane Francischete Martins. **Bebeteca: espaço e ações para formar o leitor**. Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends, 2016.

TRISTÃO, Fernanda. **Ser professora de bebês: um estudo de caso de uma creche conveniada**. 2004. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

---

**Revisão gramatical realizada pela própria autora.**

**RECEBIDO 15 DE MAIO DE 2021.  
APROVADO 07 DE JULHO DE 2021.**